



Crewe: *Railway Town, Company and People, 1840-1914.*

Autora: Diane K. Drummond
Editorial: Routledge
ISBN: 978-1859280201
Páginas: 282

Quando, em 1986, Diane K. Drummond defendeu a sua tese de doutoramento dedicada a Crewe, cidade de onde era natural, a sua obra foi considerada por Geoffrey Crossick (na recensão intitulada *Diane K. Drummond – Crewe. The Society and Culture of a Railway Town, 1842-1914. Unpublished Ph. D. Thesis, University of London, 1986, 484 pages*, publicada no número 144 da revista *Le Mouvement Social*, a páginas 111-112) uma inovação em relação aos trabalhos de uma das maiores autoridades da época, Patrick Joyce (sobretudo a sua obra *Work, Society and Politics: The*

Culture of the Factory in Later Victorian England), nomeadamente no que respeitava à questão do paternalismo e deferência corporativos. Mais tarde, em 1995, a dissertação foi publicada em livro pela Scholar Press. Na altura, a obra foi considerada por T. C. Barker (na recensão *Diane K. Drummond, Crewe: Railway Town, Company and People, 1840-1914 (Aldershot: Scholar Press, 1995. n.p.)*, publicada na revista *Northern History*, 33, 1, páginas 290 a 292), uma grande contribuição para sociologia, história do trabalho, história empresarial e história da tecnologia. Numa outra revisão crítica do livro, G. W. Crompton (*Diane K. Drummond, Crewe: Railway Town, Company and People, 1840-1914 (Aldershot: Scholar Press, 1995. 4.8 + 214. ISBN 185928 020 X)*, publicada na *Business History*, volume 38, número 2, entre nas páginas 108 e 109) asseverava que futuramente iria dominar o campo de estudos sobre *company towns* em geral e *railway towns* em particular. Ambas as previsões se consumaram, de facto, e o trabalho de Drummond tem servido de modelo e inspiração para outros estudos semelhantes e noutras áreas associadas (da história do trabalho à história social e à história da engenharia).

A relevância desta obra decorre de vários fatores: em primeiro lugar, o facto de as *railway towns* britânicas (e de Crewe em particular) terem servido de modelo para outras em contextos geográficos diferentes (como bem refere Domingo Cuéllar, no seu artigo de 2018, *Railway Towns: A Long-Term Global Perspective*”, publicado no

número 12 da revista científica *HoST – Journal of History of Science and Technology*, entre as páginas 132 e 154); segundo, o uso abundante de fontes primárias manuscritas, periódicas ou de publicações oficiais; terceiro, a abordagem de qualidade feita pela autora ao caso concreto das oficinas de Crewe da *Grand Junction Railway Company* (mais tarde, *London and North Western Railway Company*) e do seu profundo conhecimento tanto da literatura científica da época, como dos detalhes técnicos das profissões que analisou no seu doutoramento. Esta última é um dos elogios feitos por Barker e Crompton nas recensões supramencionadas.

O trabalho começa por analisar a origem e evolução de Crewe, uma *railway town* na verdadeira acepção do termo, já que foi uma cidade efetivamente criada pelo caminho de ferro, (como realça John C. Lehr, na recensão que fez a este livro, *Drummond, Diane K. Crewe: Railway Town, Company and People, 1840–1914, Aldershot: Scolar Press, 1995. pp. xiii, 259. 8 black and white plates, bibliography, tables, index* na *Urban History Review*, 26, 1, a páginas 58 e 59). Seguidamente explicita as características da população e mão de obra de Crewe, bem como as suas inter-relações com a companhia ferroviária. Por fim, examina as práticas paternalistas da firma dos caminhos de ferro (no sentido de fomentar uma lealdade dos funcionários à empresa e não ao seu ofício), o controlo quase monopolístico do mercado local (com a oferta de diversos bens e serviços aos seus operários) e a conseqüente forma

como tentou dominar os seus trabalhadores e como estes conseguiram combater essa influência, em virtude de um *turnover* muito elevado, heterogeneidade e independência dos diversos ofícios e adesão a ideais religiosos não-conformistas, liberais e sindicalistas. Esta é uma reflexão comum também a quase todos os autores que avaliaram criticamente a obra (além dos mencionados anteriormente, ver também a recensão de James A. Jaffe, *Crewe: Railway Town, Company and People, 1840-1914 by Diane K. Drummond*, da *Albion: A Quarterly Journal Concerned with British Studies*, 28, 1, a páginas 137 e 138).

O livro (e a dissertação que lhe deu origem) têm algumas insuficiências, como já vários revisores apontaram (ver a supracitada recensão de Crompton, por exemplo). A mais evidente será talvez a falta de contextualização geográfica (designadamente mapas) da cidade, o que dificulta a plena interpretação da análise para aqueles que não estão familiarizados com Crewe. Como é sabido, o caminho de ferro enquanto objeto histórico tem uma forte componente geográfica que não dispensa um sólido apoio cartográfico – um defeito que ainda hoje afeta muitos estudos sobre *railway towns* e sobre a história da ferrovia em geral, malgrado o forte desenvolvimento que os estudos de Sistemas de Informação Geográfica e a evolução das Humanidades Digitais têm sentido nos últimos anos. Outra lacuna reside no facto de a autora apenas incluir na sua análise as oficinas e os trabalhadores

das oficinas da companhia concessionária, excluindo outros setores da operação ferroviária (maquinistas, funcionários de via e obra, pessoal administrativo vivendo em Crewe) sobre os quais a companhia poderia cobrir também com o seu paternalismo corporativo. Seria interessante conhecer se assim foi e de que modo este paternalismo funcionou de forma diferente daquele aplicado sobre os funcionários das oficinas. O facto de o trabalho ser um caso de estudo individual, na medida em que só se foca numa cidade, sem fazer comparações com outras localizações idênticas (tanto em Inglaterra como noutros países), limita também o seu alcance. Por fim, as imagens incluídas no trabalho são em número reduzido e usadas como mero instrumento ilustrativo. Talvez não tenha sido possível encontrar mais fotografias da época, mas estas poderiam ter sido usadas igualmente como fonte primária para o estudo de Crewe como cidade ferroviária. Embora esta abordagem heurística sobre a fotografia tenha dado passos mais vigorosos mais recentemente, já na década de 1980 alguns autores (como, por exemplo, a obra de Susan Sontag, *Ensaio Sobre Fotografia* publicada em português em 1986 pela D. Quixote) a tratavam como fonte estudo e não apenas como um atavio iconográfico. Esta perspetiva poderia decerto enriquecer o estudo original de Drummond e muitos outros que ali bebam inspiração.

De qualquer modo, nada disto retira o devido mérito ao seu trabalho, que tem sido usado em vários outros trabalhos desde a sua publicação. De acordo com

a base de dados Scopus, 36 autores citaram o livro nas suas investigações desde 1996, o que atesta a sua qualidade. Estes trabalhos espriam-se por um vasto leque de temáticas, desde o património / arqueologia industrial / ferroviário, ao paternalismo empresarial, passando pela história social, história parlamentar, história da engenharia, história do trabalho, história da gestão de recursos humanos, relação entre religião e trabalho e, naturalmente, o estudo de cidades ferroviárias. Adicionalmente, e ainda que o livro conte já 25 anos e possa ser complementado com trabalhos e metodologias mais modernos (o já citado recurso às Humanidades Digitais, aos Sistemas de Informação Geográfica e aos estudos de fotografia, além de outros como os inventários de património – área de que trata este número temática da *TST*), a sua atualidade fica bem demonstrada pelo facto de ter sido recentemente (2017) republicado pela prestigiada editora Routledge.

Em suma, o livro *Crewe: Railway Town, Company and People, 1840-1914*, de Diane K. Drummond, continua a ter uma grande utilidade e atualidade, ainda que qualquer novo estudo sobre cidades ferroviárias ou sobre história do trabalho (entre outras áreas, como vimos) possa e deva debruçar-se sobre os temas não-tratados pela autora, bem como recorrer a novas metodologia e conceitos que não foram por si tratados ou que não estavam ao seu alcance quando redigiu originalmente a sua obra.

Hugo Silveira Pereira
Universidade NOVA de Lisboa